

**HISTÓRIA ORAL E
FOLKCOMUNICAÇÃO: em
busca de uma abordagem
interdisciplinar na Festa
do Divino Espírito Santo
de Natividade –Tocantins**

ORAL HISTORY AND
FOLKCOMMUNICATION: in search
of an interdisciplinary approach
in the Divine Spirit Festival of
Holy Nativity -Tocantins

LA HISTORIA ORAL Y LA
FOLKCOMUNICACIÓN: en busca
de un enfoque interdisciplinario
para la Fiesta del Espíritu Santo
Natividad -Tocantins

**Marina Haizenreder Ertzogue¹
Poliana Macedo de Sousa^{2,3,4}**

RESUMO

Este artigo busca compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade – Tocantins, além de trazer

¹ Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora Associada. Leciona no curso de História na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente (CIAMB) Mestrado e Doutorado. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (Mestrado) - UFT. E-mail: marina@mail.uft.edu.br.

² O estudo que aqui se apresenta é parte da pesquisa "História, memória e religiosidade na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, TO" que constitui na dissertação do Mestrado em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins.

³ Mestre em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2012), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2007) e especialista Lato Sensu em Cidadania e Cultura (2009) pela mesma instituição. Atualmente é Servidora Pública Federal atuando como técnico administrativo na Diretoria de Pesquisa da UFT, Professora convidada do curso de Jornalismo na disciplina "Comunicação Comunitária" da UFT e Editora Administrativa da Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: polimacedo@uft.edu.br.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCOM-UFT). Avenida NS 15, 109 Norte - Plano Diretor Norte - Palmas -TO, 77001-090 Brasil.

da memória do grupo participante dessa manifestação algo mais antigo e que tenha relação entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias, utilizando o campo da folkcomunicação e da história oral como referencial metodológico e suporte teórico. A pesquisa é participante, na qual aplicamos a vertente da tradição oral, com entrevistas e observação, como método que dá suporte à interdisciplinaridade. Com isso, percebemos que será pelos processos históricos de produção, reprodução e negociação dessas memórias e identidades religiosas que percebemos a importância da perspectiva da metodologia da História Oral e da Folkcomunicação para prover a abordagem interdisciplinar que a pesquisa necessita.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Folkcomunicação; Festas religiosas; Divino Espírito Santo; Natividade.

ABSTRACT

This article find to understand the communicational aspects of the religious elements of the Divine Spirit Festival of Holy Natividade - Tocantins, and bring the memory of the group participating in this event something older and has relationship between the production of knowledge and the occupation of spaces for groups social seeking to ensure the reproduction of their identity marks, using the field of folk communication and oral history as methodological framework and theoretical support. Research is participator in that we apply the slope of the oral tradition, with interviews and observation as a method that supports interdisciplinarity. With this, we realize that is the historical processes of production, reproduction and negotiation of these memories and religious identities that we realize the importance of the perspective of the methodology of oral history and folk communication to provide an interdisciplinary approach to research needs.

KEYWORDS: Oral History; folkcommunication; Religious Holidays; Pentecost; Natividade.

RESUMEN

En este artículo se busca entender los aspectos comunicacionales de los elementos religiosos de la Fiesta del Espíritu Santo de la Natividad - Tocantins, y llevar la memoria del grupo participante, en este caso, algo más antiguo, y tiene relación

entre la producción de conocimiento y la ocupación de espacios para grupos búsqueda social para garantizar la reproducción de sus señas de identidad, utilizando el campo de la folkcomunicación y la historia oral como marco metodológico y apoyo teórico. La investigación está participando en la cual aplicamos la pendiente de la tradición oral, con entrevistas y la observación como un método que es compatible con la interdisciplinariedad. Con esto, nos damos cuenta de que son los procesos históricos de producción, reproducción y negociación de estas memorias e identidades religiosas que nos damos cuenta de la importancia de la perspectiva de la metodología de la historia oral y la comunicación popular para proporcionar un enfoque interdisciplinario para investigar las necesidades.

PALABRAS CLAVE: Historia Oral; la comunicación popular; Fiestas religiosas; Espíritu Santo; Natividad.

Recebido em: 28.02.2016. Aceito em: 27.04.2016. Publicado em: 30.05.2016.

Introdução

As festas em celebração a Pentecostes ou mais popularmente conhecidas como festas do Divino Espírito Santo, tiveram sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo do "bodo aos pobres"⁵, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Essa festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses⁶. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal.

As festas foram introduzidas no Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores brasileiros e portugueses. As folias foram precursoras dos populares festejos do Espírito Santo pelo interior do Brasil por se ambientarem geralmente na roça,

um conjunto de formalidades, um repertório de quadras de recurso, tão primitivos e completos que, num momento dado, punham em contribuição não só a espontaneidade religiosa, mas ainda a generosidade hospitaleira daquela boa gente, que não conhecia obstáculos no cumprimento de tradicionais deveres (MELLO MORAES, 1999).

Sobre as festas do Divino Espírito Santo no Tocantins, as comemorações vão de janeiro a julho, de acordo com as características de cada localidade, e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado,

⁵ Dar comida aos pobres.

⁶ O artigo "[Festas do Divino Espírito Santo em Portugal e além-mar](#)" faz um resgate histórico do início das comemorações da festa em Portugal e sua expansão pelo continente europeu e colônias portuguesas como o Brasil, sendo um dos lugares que seguiram o modelo de "império" estabelecido em Alenquer.

entre elas Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, com destaque para Monte do Carmo e Natividade (MESSIAS, 2010).

A festa do Divino Espírito Santo de Natividade⁷ é considerada uma festa tradicional do Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em consequência, para a região central do país (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não 'soltar' alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da festa. É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas nesse contexto e a devoção permanece.

Esta pesquisa tem como objetivo relatar o processo de organização da comunidade do município de Natividade,⁸ no Tocantins, em torno da realização da Festa do Divino Espírito Santo, além de compreender a sua contribuição na construção da cultural local. Nesse sentido, trabalhamos com as relações entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam

⁷ O município de Natividade fica a 220 km da capital, Palmas, na região sudeste do Tocantins.

⁸ É a mais antiga cidade do Estado do Tocantins - antes pertencente ao Norte Goiás fundada no século XVIII.

assegurar a reprodução de suas marcas identitárias, utilizando o campo da folkcomunicação e da história oral como referencial metodológico e suporte teórico.

Ao entrevistar os foliões e devotos da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, conseguimos obter informações sobre a percepção e memória dos mesmos sobre as atividades acerca da festa.

A preservação da festa do Divino Espírito Santo pela comunidade local, enquanto legado de patrimônio cultural, é reconhecida como tradição do Tocantins, que, apesar de ser em Natividade, a festa é um momento de renovação da fé e da confirmação do temor a Deus que é regada por muitos cânticos de catira, comidas típicas e licores. Com celebrações registradas desde 1904, identifica-se a importância desses ritos e a significância da festa para os membros de sua comunidade, não só pelo seu significado histórico atual, essa cultura de promover a festa já era celebrada e, por isso, merece ser preservada e investigada.

Por meio do registro dessa tradição, que resulta na construção do conhecimento produzido a partir da pesquisa e, por fim, como produto, dar a conhecer a comunidade a história da festa, sendo que esta é, de certa maneira, uma devolução de memória registrada e, até então, dispersa nos documentos do passado. Este estudo pretende contribuir para a preservação da cultura, da religiosidade e da memória, entendendo, assim, que o meio ambiente é cultural, através de um estudo entrelaçado entre o passado e o presente.

Neste trabalho, ressaltaremos a relação da folkcomunicação com a história oral. E, quando a folkcomunicação passa a estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino há uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação a ancestralidade, algo mais antigo.

Definida por Luiz Beltrão (1967) citado por Benjamin (2008, p. 02), a folkcomunicação é "o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações,

ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

E por meio dos métodos que abordam a interdisciplinaridade que poderemos concluir as diversas etapas que uma pesquisa em folkcomunicação necessita como, vinculá-la à história oral na aplicação da pesquisa. Será pelos processos históricos de produção, reprodução e negociação dessas memórias e identidades religiosas que perceberemos a importância da perspectiva da metodologia da História Oral nesse projeto.

Em linhas gerais, com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa a pesquisa é descritiva, pois visa delinear as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos de periódicos e materiais da Internet, além de ser um levantamento, pois envolve a interrogação direta das pessoas. É também uma pesquisa participante, pois houve a interação do pesquisador com os membros que organizam e participam da festa do Divino Espírito Santo.

A Perspectiva da História Oral

A comunidade católica de Natividade reúne-se em torno da festa do Divino Espírito Santo unindo o sagrado e o profano em uma mesma celebração. Émile Durkheim (2008) explica em sua obra *“As Formas Elementares da Vida Religiosa”* que as representações coletivas passam a ser vistas como resultado de uma “consciência coletiva”, onde podemos observar que existe a transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva.

Luiz Beltrão (1980, p. 61) afirma que a celebração das festas católicas decorre de um calendário religioso baseado no ano litúrgico de amplitude universal e que assume caráter especificamente regional ou local “quando se trata de comemorar o

“dia do padroeiro”, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores, herança que nos veio de Portugal”.

Considerando isso, a abordagem teórica e metodológica utilizada durante a pesquisa pretende analisar o uso do ambiente social, dos símbolos e da própria organização da comunidade para a constituição desta festa, pois não se sabe ao certo o início das comemorações da mesma na cidade, porém existem arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade - Asccuna que datam sua realização desde 1904.

Essa abordagem abre espaço para a compreensão da memória coletiva como uma estrutura que é criada, recriada durante as práticas discursivas nos momentos em comum divididos pela comunidade, quando identidades sociais e individuais são formadas, assim como apresentou Philippe Joutard (1993, p. 526-527).

uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica [...] se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador.

As diversas formas sociais que permitem a produção e a circulação de bens simbólico-religiosos, também as identidades e memórias, são provenientes do *habitus* que informa o “senso prático de um determinado campo religioso é ao mesmo tempo nutriente de e nutrido por memórias e identidades religiosas que ali são produzidas, entendidas como bens simbólicos em circulação no campo” (HUFF JUNIOR, 2008, p. 61).

Será pelos processos históricos de produção, reprodução e negociação dessas memórias e identidades religiosas que percebemos a importância da perspectiva da metodologia da História Oral nesse projeto, assim como explica Jan Vasina (1985, p. 199) citado por Prins (1992, p.165) em seu “*Oral Traditions as History*” que “onde não há nada ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da

reconstrução histórica". O saber da cultura popular está contido nas memórias dos indivíduos e na sua oralidade que é transmitida de geração em geração, sendo que a intenção é desenvolver a partir desses métodos, interpretações qualitativas sobre os processos histórico-sociais da festa. Mas como e por que utilizar a história oral?

Ao celebrar festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, os sujeitos tornam-se únicos através dessas práticas culturais. Dançar, cantar e orar, sem contarmos ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos que são elementos da religiosidade que aproximam as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade (SANTOS, Claudfranklin, 2008).

Paul Thompson (1998) citado por Correia (2011) afirma que a

história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela empurra a vida para a própria história e alarga o seu âmbito. Ela permite heróis, não apenas dos líderes, mas da maioria do povo desconhecido [...]. Permite o contacto – e daí compreensão – entre classes sociais e entre gerações.

Portanto, o que seria a História Oral?

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, em sua obra "*Manual de História Oral*", esse campo historiográfico seria "um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do 'tempo presente' e também reconhecida como 'história viva'" (2005, p. 17). O autor apresenta, ainda, outros conceitos sobre a história oral que variam entre a prática de apreensão de narrativas, bem como a formulação de documentos através de registros eletrônicos, o conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, além de uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados e transformados em textos escritos. E, para constituir uma relação mínima da história oral, o autor expõe também que são necessários três elementos: a) o entrevistador, b) o entrevistado; e c) aparelhagem da gravação.

O campo da história oral pode ser entendido como técnica e como metodologia, porém, concentrando nossa atenção para a utilização da história oral como metodologia, Meihy (2005, 49) aponta em seu manual a diferença entre o uso desse campo como técnica, bem como metodologia, a partir de três níveis, sendo o primeiro a partir do projeto, em seguida, na definição do *corpus* documental - se é derivado da documentação escrita ou oral -, e por último com relação ao encaminhamento das conclusões tendo em vista o uso das entrevistas. Ainda sobre sua atuação quanto método, o autor apresenta que a história oral deve "focalizar as entrevistas como o porto central e da partida para as análises", seguindo com "três formas de procedimentos metodológicos: 1) relatos integrados à discussão documental/historiográfica; 2) relatos anexados ao debate; e 3) relatos em discussão paralela".

Em suma,

[...] a história oral traz ao de cima a questão, ainda mais polêmica, da memória (e da sua relação com a história), constituindo um exercício que não só permite voltar ao passado, mas também chegar à multiplicidade de significados que se dão aos acontecimentos passados, à forma como são chamados ou simplesmente são, voluntária ou involuntariamente, esquecidos. [...] Pelo cruzamento destas memórias individuais, obteremos uma memória de grupo, porque inevitavelmente a reconstrução da identidade do indivíduo está dependente da sua integração no grupo social que compartilha das suas experiências (CORREIA, 2011).

Partindo das assertivas apresentadas, podemos afirmar que a história oral pode se feita a partir de um indivíduo, um grupo definido ou um conjunto grande de pessoas e pode ser tratada como um processo sistêmico de pesquisa que envolve além das técnicas de entrevistas, constitui-se como campo que fará a percepção do passado das pessoas, de um grupo e até mesmo de uma comunidade.

Aplicação da história oral na análise da Festa do Divino Espírito Santo

Dentre os questionamentos que circundam o campo da história oral podemos enfatizar que o principal é como aplicá-la aos estudos sobre a festa do Divino

Espírito Santo, pois a história oral pode ser feita a partir de uma pessoa, um grupo definido ou um conjunto de entrevistados, porém a escolha de qualquer um desses 'grupos' implica uma justificativa do tipo escolhido, os critérios de seleção de alguns depoimentos e como eles dialogariam e se um número grande de participantes garantiria a relevância do projeto.

Gênero interdisciplinar que serve com eficácia na construção de identidades particulares e ainda constituindo um novo recurso histórico. [...] para fazer uma prática imprescindível em qualquer gênero de elaborações das sociedades e dos acontecimentos do presente **(tradução nossa)** (SANDIOCA, 2004, p. 346).

Conforme os objetivos da pesquisa, trabalhamos com um conjunto de entrevistados que mantém relação com a festa do Divino Espírito Santo, como os personagens, organizadores, foliões, devotos, entre outros. Sandioca (2004) apresenta que essa ferramenta de trabalho tornou-se praticamente imprescindível em qualquer estudo sobre as sociedades e acontecimentos do presente, pois antes de definir quais métodos e passos a percorrer para inserir a história oral na análise da festa do Divino Espírito Santo, devemos distinguir a diferença entre oralidade e fontes orais. Sendo que a primeira é manifestação espontânea, sem intenção de registro, e a segunda só é "fonte" porque foi registrada mecanicamente com intenção de registro.

A oralidade pode tornar-se fonte desde que seja materializada em gravações e usada intencionalmente [...] músicas gravadas ou presentes em manifestações populares, tradições orais e literatura oral, romarias, terreiros de candomblé, desde que coletados para pesquisas ou mesmo para meros registros sonoros e gravados, são fontes orais. (MEIHY, 2005, p. 21).

As fontes orais servem de apoio para corrigir outras perspectivas e vice-versa. Jan Vansina (1985) citado por Prins (1992, p. 194-195) explica que "os dados orais servem para confirmar outras fontes, assim como as outras fontes servem para confirmá-los". Esses dados fornecidos pelas fontes orais podem proporcionar detalhes que de outra forma não são acessíveis e, por isso, fazem com que o

pesquisador possa analisar os dados de outra maneira. “Deve-se recorrer a ela apenas quando se busca algo específico e que não se pode encontrar em outras fontes [...] o argumento decisivo para marcar o limite do número de entrevistas remete à sua utilidade e ao seu aproveitamento” (PRINS, 1992, p. 138-139).

Dentro da pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo em Natividade tivemos a possibilidade de aplicar duas vertentes do campo da história oral: a tradição oral e a história oral temática. Jan Vansina explica que a tradição oral pode ser definida como “o testemunho oral transmitido verbalmente de uma geração para a seguinte, ou mais, [...] tal material é uma substância daquilo que possuímos para reconstruir o passado de uma sociedade com uma cultura oral” (PRINS, 1992, p. 172). Já a história oral temática é usada pelos pesquisadores como técnica, pois promove a articulação do diálogo com outros documentos. Para Meihy (2005), ela parte de um assunto específico e estabelecido previamente se comprometendo com o esclarecimento/opinião do entrevistador com relação a algum evento com objetividade, onde o uso do questionário é peça fundamental nesse processo que auxilia na descoberta dos detalhes procurados pelo pesquisador.

Com relação aos procedimentos de trabalho relacionado com a tradição oral, a observação deve ser constante e a entrevista deve abranger pessoas que sejam depositárias das tradições, entrevistando as pessoas mais velhas e de gerações posteriores e de segmentos culturais e sociais diferentes, pois “todo agrupamento humano – familiar ou não – tem alguém, quase sempre entre os mais velhos, que guarda a síntese da história do grupo” (MEIHY, 2005, p. 168).

As características da história oral baseada na vertente da tradição oral são as equivalentes com a proposta da pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo, que é de trabalhar com as relações entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias. Porém, devemos tomar cuidados com os resultados dessa técnica, pois, segundo Meihy (2005), eles são menos imediatos do que as outras técnicas, pois

requerem participação, acompanhamento e observação intensos, que geralmente ultrapassam o nível da entrevista. Ainda segundo o autor, “a tradição oral é de execução mais lenta e exige conhecimentos profundos tanto da situação específica investigada como do conjunto mitológico a partir do qual a comunidade organiza sua visão de mundo” (Meihy, 2005, p. 167).

Por possuir um perfil multidisciplinar, onde não há constituição de um objeto específico de pesquisa, podemos considerar a história oral, de acordo com referência de Meihy (2005), como “mais do que uma ferramenta, e menos do que uma disciplina”. Como um processo sistêmico de pesquisa ou simplesmente metodologia concordamos que o campo da história oral gera no seu interior

soluções teóricas para as questões surgidas na prática – no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso (FERREIRA; AMADO, 1998, p. xiv-xv).

Fazendo um nexos entre esse campo historiográfico e as metodologias que serão utilizadas no decorrer da pesquisa, podemos deduzir que nossa hipótese é que a festa do Divino Espírito Santo em Natividade possa atuar como elemento ativo no processo de transmissão cultural através da memória de seus devotos, identificando por meio dela como se dá o processo de organização da festa e se ocorreu alguma alteração ou adaptação da celebração, além da difusão da tradição continuada e a preservação de uma identidade cultural.

Prins (1992, p. 198) afirma que “a tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescente vital em sua aparente quietude”. Ter uma percepção do passado com o algo que tem continuidade no hoje, além de ser um processo histórico inacabado, citado por alguns autores com “história viva”, é que marca e justifica o uso da história oral em pesquisas desse porte como o estudo da história, da memória e da religiosidade presente na Festa do Divino em Natividade.

“O ritual da folia do Divino expressa exatamente a crença popular na utopia da idade do ouro, da paz e da abundância, anunciada e pregada por filósofos, videntes e visionários de todos os povos e de todas às épocas” (BELTRÃO, 1980, p. 66). O culto ao Divino é mais expressivo devido ao homem estar em busca do contato direto com Deus, convencido de que obterá ainda nesse mundo o que tanto quer e sofre para obter. Essa relação pode ser entendida como o estabelecimento de uma ordem social que eliminaria a pobreza e a opressão, onde os homens viveriam em paz, com fartura de comida e bebida e sem sofrimentos causados pelo medo, prisão ou doenças.

Caminhos metodológicos: a folkcomunicação e a história oral

Com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa, podemos ressaltar que, do ponto de vista da sua natureza, a pesquisa é descritiva, pois visa relatar as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas.

Com relação à forma de abordagem do problema, que consiste em saber como ocorreu o processo de organização da comunidade de Natividade em torno da festa do Divino Espírito Santo e qual a sua contribuição para a cultura local, a pesquisa é participante em que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, há a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, o ambiente é natural, e o pesquisador é o instrumento-chave para na coleta de dados, com a análise intuitiva dos dados (SILVA, 2001).

Por analisar fenômenos, a pesquisa tem viés no método fenomenológico, pois trabalha com modo interpretativo, a partir de aspectos subjetivos da pesquisa. A preocupação é com a descrição direta, a realidade é construída, entendida, compreendida e interpretada socialmente e o sujeito é uma das peças importantes nesse processo de construção do conhecimento (GIL, 1999).

Sobre a fenomenologia e seu método, podemos conceituá-la como “uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico” (HUSSERL, 1990, p. 46).

Ao estudarmos uma comunidade, sabemos que temos que dedicar tempo para que os estudos sobre a mesma sejam concretizados. Esse tempo deve ser o mais amplo possível para que a observação e o registro das situações, pois muitas vezes o pesquisador não pode participar de todas as etapas, algumas mais simples, nas quais poderia com mais facilidade compreender a linguagem simbólica.

No desenvolvimento dessa pesquisa, estabelecemos visitas constantes, periódicas e dirigidas como forma de manter essa parceria com os membros da comunidade, além de estreitar o relacionamento com os mesmos. Dessa forma, os entrevistados sentiram-se à vontade para nos receber em suas casas e convidar-nos para participar de eventos relacionados à festa do Divino, como por exemplo, o pouso de uma das folias em fazendas mais distantes de Natividade, o giro da Folia em Palmas, além da confecção de cartazes com a programação da festa, folders, livretos com músicas, outdoors, documentos, fotografias e vídeos que ilustraram os principais ritos, bem como, momentos inusitados ou não da organização por parte da comunidade também fizeram parte do material da coleta de dados.

Em conjunto com a metodologia da folkcomunicação e primando pela interdisciplinaridade no transcorrer da pesquisa, utilizamos também a aplicação da metodologia da história oral que, segundo Boll (2005, p. 06),

o pesquisador deve assumir, neste caso, uma postura de pesquisa participante, buscando a sua aceitação pelo grupo, uma vez que toda a coleta de dados deve ocorrer pela vontade dos sujeitos estudados. Seja através de documentos guardados em baús nas casas, seja por fotos de família, que além de caráter histórico, possuem forte apelo emocional, pela necessidade da entrevista com membros significativos da comunidade.

Do material para a pesquisa, utilizamos amostras não-probabilísticas intencionais, onde os entrevistados foram escolhidos entre os líderes de opinião e pessoas que participam ativamente da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade.

Os cantos, as rezas e todos os tipos de ritos presentes na festa do Divino são importantes para compreendermos melhor o lugar, as pessoas, as transformações, as ordens sociais estabelecidas e o modo de expressão de uma comunidade. Durante a coleta de dados, registramos os cânticos por meio de um gravador de áudio⁹ durante os rituais, cortejos e pousos.

Outro instrumento de coleta de dados durante a pesquisa de campo foi a entrevista direta com consentimento dos depoentes, além de diálogos com os devotos e foliões que participam da festa, os quais me explicavam os ritos, a importância daquele momento e qual seu papel ali.

Durante as entrevistas, utilizamos a entrevista não-estruturada, pois não exige uma rigidez de roteiro, onde pudemos explorar mais amplamente algumas questões. Porém, utilizamos um roteiro base, além de uma entrevista "zero" - primeira entrevista que serve para aproximar o pesquisador com a comunidade e sua história -, com a qual é possível organizar uma escala de critérios na seleção dos principais colaboradores da pesquisa, contemplando, assim, as diferenças e semelhanças do grupo estudado.

Optamos por entrevistas abertas, utilizando a "entrevista zero", a partir da qual tomar-na-íamos como roteiro para os outros entrevistados. A historiadora Simone Camêlo Araújo, 47 anos, que nasceu em Natividade (TO), foi nossa entrevista "zero" para o desenvolvimento dessa pesquisa. Sempre envolvida com a festa do Divino, ela é uma das responsáveis pela ASCCUNA e sempre está à frente das principais festas religiosas populares da cidade, não como pertencente a algum órgão oficial, mas

⁹ MP3 Player 4GB Rádio FM MW151 Preto - DL Eletrônicos

como uma “líder de opinião”, característica encontrada na abordagem da folkcomunicação.

Meu pai já foi imperador do Divino e meu irmão mais velho foi capitão do mastro (Wagner). E já fui despachante de folia (responsável pelo grupo ou auxiliando diretamente) por 7 vezes. A festa é uma oportunidade de renovação da FÉ. É muito difícil você estar participando dela sem ter uma grande reflexão sobre a vida, mesmo que não seja um dos personagens principais. Ao observar os detalhes e como a comunidade se mobiliza você aprende e cresce como ser humano. Por varias vezes eu me emociono. É um grande ensinamento! O sentimento é de compromisso com o Divino. O meu envolvimento nesses 20 (vinte) anos com parte da organização me faz uma pessoa privilegiada em ter tido várias vivências com o Divino. A cada novo ano, o desejo é de colaborar. [...] A minha família colabora também recebendo as folias nas fazendas na zona rural e fazendo doação de pelo menos uma vaca para algum dos festeiros. Além do planejamento, alguns anos de forma bastante ativa (outras vezes, um pouco menos devido a outras atividades desenvolvidas) no acompanhamento da execução e também auxiliando na prestação de contas¹⁰.

Essa identificação do líder de opinião como agente-comunicador do sistema de folkcomunicação foi o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho.

O comunicador de folk tem a personalidade característica dos líderes de opinião identificada (e nele, talvez, ainda mais aguçada) nos seus colegas do sistema de comunicação social: 1) prestígio na comunidade, independentemente da posição social ou da situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinado (s) tema(s) e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua gente; 2) exposição às mensagens do sistema de comunicação social, participando da audiência dos meios de massa, mas submetendo os conteúdos ao crivo de idéias, princípios e normas de seu grupo; 3) freqüente contato com fontes externas autorizadas de informação, com as quais discute ou complementa as informações recolhidas; 4) mobilidade, pondo-se em contato com diferentes grupos, com os quais intercambia conhecimentos e recolhe preciosos subsídios; e, finalmente, 5) arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence às quais submete idéias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade (BELTRÃO, 1980, p. 35).

As festas religiosas populares são momentos de compartilhamento de uma história passada e ao mesmo tempo presente. “Para que a real transmissão dessa

¹⁰ Entrevista com Simone Camêlo Araújo concedida dia 03 de outubro de 2011.

memória e dos seus saberes ali contidos sejam efetivos, estabelece-se um processo de comunicação entre gerações, rico e dinâmico, que é o foco da Folkcomunicação” (BOLL, 2005).

E é por meio desses líderes que haverá a transmissão dessa memória e dos saberes e o instrumento de coleta de dados utilizado durante a pesquisa, nesse caso, as entrevistas e a observação não-participante, proporcionaram uma interação entre o pesquisador, o informante e a pesquisa.

Enquanto no sistema de comunicação social é muito freqüente a coincidência entre os líderes de opinião e as autoridades políticas, científicas ou econômicas, na folkcomunicação há maior elasticidade em sua identificação: os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 35).

São os diálogos e as entrevistas que viabilizam essa coleta de dados, como explicou Boll (2005, p. 06),

supondo que as comunidades folk são do mesmo grupo lingüístico do pesquisador, cabe então localizar qual relação pesquisador e pesquisado terão ao longo do processo de pesquisa. O conhecimento desta relação é fundamental para que possamos entender quais serão as trocas estabelecidas e principalmente quais serão as expectativas entre as partes no transcorrer da pesquisa.

No roteiro da entrevista procuramos delimitar a relação de cada um com a religião e, principalmente, com festa do Divino. Dentre as perguntas, algumas sobre identificação pessoal, como nome, idade, local de nascimento; sobre a família e sua descendência; além de algumas mais abrangentes sobre a festa e religião, como: Qual é o seu envolvimento com a religião? E com a festa do Divino?; Quando começou a participar da festa? Lembra?; Como você ajuda ou já ajudou durante a organização da festa?; Sua família participa da festa?; Você incentiva seus filhos, netos ou familiares para participarem da festa?; e, Já foi algum personagem da festa? Como foi participar? O que sentiu? Sua vida mudou depois que participou dela?

Sendo assim, para a organização da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade a memória dos membros que a compõem é fundamental para o prosseguimento dos atos. São esses membros da comunidade, principalmente os mais velhos, que são incumbidos de transmiti-las às novas gerações cabendo à eles esse papel de repassar as vivências, experiências e ritos pertencentes ao grupo.

Considerações finais

Partimos do pressuposto que na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas. São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais e até mesmo nacionais, que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade.

Os aspectos evidenciados nessa pesquisa ilustram alguns dos elementos que considere importantes para o entendimento da festa como um todo. Como processo comunicacional, pois por ser mobilizadora das comunidades e assumindo ainda dimensões culturais e religiosas, a festa do Divino Espírito Santo em Natividade possui uma característica folkcomunicacional, já que é ativadora das relações humanas, produzindo comunhão entre determinados grupos (zona urbana e zona rural) em torno de algo comum, o culto ao Divino.

Assim como expõe Boll (2005, p. 05), ao enfatizar que

por parte do pesquisador, a compreensão que sua pesquisa de campo envolve não apenas a observação, mas também o intercâmbio de informações com os agentes folk. Para que isso ocorra é fundamental a inserção dos pesquisadores na comunidade estudada.

Estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino torna-se uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na

memória do grupo participante dessa manifestação algo mais antigo foi um dos alicerces para o desenvolvimento de uma abordagem interdisciplinar para essa pesquisa.

Ao todo, foram seis anos dedicados para pesquisa sobre a festa do Divino Espírito Santo em Natividade, uma das mais conhecidas e reconhecidas como tradição do Estado do Tocantins.

Todas as pessoas envolvidas na festa têm algo a dizer, por isso, a escolha de devotos, foliões, boleiras, imperadores para compor o universo dos entrevistados. Os cânticos, rezas ou qualquer outro tipo de ritual que aconteça durante a festa do Divino Espírito Santo fizeram com que houvesse uma melhor compreensão do lugar, das pessoas, das transformações, dos juízos de valor e do modo de expressão da comunidade nativitana. É na expressão máxima da fé que percebi quão grandioso é o culto ao Divino nessa cidade.

Compartilhamos ainda, momentos de uma história passada e ao mesmo tempo presente, em que os jovens, os adultos e os idosos recebiam e transmitiam conhecimento, seja na hora de cozinhar um bolo ou levantar uma tenda. Esse processo de comunicação entre o grupo e que é passado de geração a geração só corrobora com os estudos voltados para a folkcomunicação.

Sendo assim, quem faz a festa do Divino Espírito Santo em Natividade são os devotos. Os devotos e foliões buscam a aproximação do modelo divino para segui-lo, pelo menos nesse tempo sagrado da festa. É a fé e a devoção que motivam os nativitanos, bem como pessoas das cidades vizinhas a viver a festa do Divino.

Independentemente do lugar onde esteja sendo organizada cada etapa da festa, podemos afirmar que ela está em todos os lugares, seja na casa da boleira que reúne algumas mulheres ao redor do seu fogão a lenhas, ou seja, no espaço em que os homens estão reunidos e ao terminar de levantar uma tenda comemoram com fogos de artifícios e tomando cerveja ou cachaça, tudo isso, em nome do Divino.

Da participação de faixas etárias diferentes existe uma lacuna entre gerações que poderá interferir no prosseguimento da festa, ou pelo menos diminuir o fervor por algum tempo, pois poucos jovens estavam presentes nos momentos mais sagrados da festa. É fato que os avós influenciam mais os netos do que influenciaram seus filhos. Mircea Eliade (2008) quando comenta que as pessoas contam e recontam histórias sobre acontecimentos grupais, elaborando e reelaborando mitos que, ao atuarem no caso da religião como meta-narrativas hierofânicas, tornam possível sua sociabilidade e embasam uma história comum.

A realização da festa fortalece a história e a memória local, pois é na produção e reprodução dos ritos e rituais aprendidos com seus antepassados que os espaços de realização da mesma tornam-se lugares.

Não há reprodução de mensagem, trocas simbólicas, memória e experiência sem que pessoas estejam envolvidas e, de certa maneira, por mais que a festa diminua seu tamanho, nunca deixará de ser grandiosa e com intenso significado para seus devotos.

É a fé que faz com que eles acreditem nas bênçãos dessa divindade e por mais que alguns não estejam muito envolvidos, em determinado momento, eles se rendem à devoção e iniciam aí o aprendizado e a transmissão de saberes pela memória e pela experiência que cada um obteve na sua vivência, seja como simples devoto ou fervoroso folião do Divino.

Trabalhar com história oral e principalmente, com os agentes folk, requer confiança por parte da comunidade no pesquisador. Contar sua vida e sua experiência com o sagrado é algo forte e que emocionou tanto os entrevistados como a mim mesma, pois adentramos em um território tão particular e misterioso do ser humano que é a fé.

Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, 8-9, enero/diciembre 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/portal/revista/r8-9/cientifica_06.pdf>. Acesso em: 15 Nov 2011.

BOLL, Armindo, OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Tabuaté. *In*: **CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO**. 8, 2005, Teresina. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo-_Armindo_e_Marcelo.pdf>. Acesso em: 02 jul 2010.

CORREIA, Silvia. A CGTP, a história oral e o estudo dos trabalhadores. *In*: **Le Monde diplomatique** (edição portuguesa) – II série, nº 51- Janeiro 2011.

DURKHEIN, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **Cad. CERU**, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2012.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

JOUTARD, Phillip. Memória coletiva. *In*: BURGUIÉRE, A. (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELLO MORAES, Filho. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO**. 2010, 352 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em:
<http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf>. Acesso em 23 ago 2011.

PREFEITURA DE NATIVIDADE. **História e Localização geográfica**. Disponível em:
<<http://www.natividade.to.gov.br/>> Acesso em: 19 jul 2010.

PRINS, Gwyn. História Oral *in*: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. 2ª ed. - São Paulo: UNESP, 1992.

SANDIOCA, Elena Hernandez. **Tendencias historiográficas actuales – Escribir historia hoy**. Madrid: Ediciones Akal, 2004.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. A Festa como objeto de pesquisa histórica no campo da religiosidade. *in*: **ENCONTRO SERGIPANO DE HISTÓRIA**. 12, 2008, Aracaju. Disponível em: <www.gpcir.sites.uol.com.br/ce/claudefranklin.pdf>. Acesso em: 13 mai 2010.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

Fonte Oral

ARAÚJO, Simone Camêlo. [47 anos]. [Outubro/2011]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, Tocantins. Entrevistada em 03 de outubro de 2011